



Ministério

Adventista



Março-Abril de 1969



Revele-se

Nas lutas habituais, não exija a
educação do companheiro;
Demonstre a sua.

Nos trabalhos comuns, não reclame
pelo esforço alheio;
Mostre sua boa vontade.

Nas tarefas do bem, não aguarde colaboração;
Colabore por sua vez, antes de tudo.

Nos serviços de compreensão, não peça que
seu vizinho suba até você;
Aprenda a descer até êle, e ajude-o.

No desempenho dos deveres cristãos, não aguarde re-
[cursos
externos para cumpri-los;
O melhor patrimônio que você pode dar às boas almas
é o seu próprio coração.

No trato vulgar da vida, não espere que o seu irmão
revele qualidades excelentes;
Expresse os dons elevados que você já possui.

Em tôda criatura terrestre há luz e sombra;
Destaque a sua própria nobreza, para que a nobreza
do próximo venha ao seu encontro.

(*Transcrito*)



EDITORIAL

Pasto Demasiado Alto!

ENOCH DE OLIVEIRA

EM noite de grande inspiração saiu o poeta pelo campo e, ao topar com um roceiro que embevecido contemplava o luar, disse-lhe:

— És um amante do belo! Acaso já viste também os róseos, dourados dedos da aurora, tecendo uma fímbria de luz pelo nascente, ou as sulfurosas ilhotas de sanguíneo vermelho pairando sobre um lago de fogo a esbrasear-se no poente, ou as nuvens como farrapos de brancura obumbrando a Lua que flutua, esquiva, sobre um céu soturno?

— Ultimamente, não — respondeu o caipira.
— Faz um ano que não boto pinga na bôca.

O poeta tentou comunicar-se com o indouto roceiro, mas fracassou em seu objetivo. As imagens literárias que empregou, não estavam à altura da capacidade de compreensão do humilde agricultor, e por isso o diálogo foi interrompido de forma abrupta e inesperada.

Este jocoso incidente (evidentemente imaginário) repete-se com frequência em nossas igrejas. Quantas vezes, como pregadores, fracassamos no esforço por comunicar a mensagem de Deus!

Em uma pequena igreja rural pregava certa vez um jovem aspirante ao ministério. Em sua eloquente peroração empregou neologismos e vocábulos técnicos, analisou a semântica de algumas expressões, num esforço censurável por luzir os seus conhecimentos de psicologia. Um dos ouvintes, desencantado com a inoportuna exposição do pregador, dirigindo-se ao ancião, disse:

— Este é um pasto demasiado alto! As ovelhas não podem alcançá-lo!

Que opinião teríamos de um médico que, dirigindo-se aos clientes, falasse em patologia psicossomática, sintomas escorbúticos ou hiperplasia linfóide?

Que impressão teríamos como leigos se ouvíssemos o pastor digressar durante meia hora sobre as provas ontológicas da existência de Deus? Que bênçãos receberiam os pecadores de uma erudita exposição dos ensinamentos escatológicos

dos profetas pós-exílicos, ou de uma análise técnica dos aspectos forenses da justificação?

Este é um pasto demasiado alto! As ovelhas não podem alcançá-lo.

O púlpito, já escrevemos em outro Editorial, não é lugar apropriado para a exibição pedante e sofisticada de uma oratória ornamental. Alguns pregadores, especialmente os jovens, com frequência, cedem à tentação de pregar valendo-se de vocábulos rebuscados e expressões altissonantes.

Relevante se nos afigura o exemplo de Paulo, o mais erudito dentre os pregadores da igreja neotestamentária:

“Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem, ou de sabedoria. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder.” I Cor. 2:1 e 4.

Escrevendo sobre a simplicidade na pregação, o Dr. T. DeWitt Talmage assim se expressou: “Havemos de apresentar-nos no vernáculo comum, se não o povo não nos receberá nem entenderá... Todo jovem que ingressar no ministério deve conhecer a terminologia teológica, porém não a deve empregar diante do povo. Depois que entramos no ministério, passamos os dez primeiros anos deixando o povo ouvir quanto nós sabemos; os dez anos seguintes conseguindo que eles saibam tanto quanto nós; e mais dez anos descobrindo que nem eles nem nós sabemos o suficiente.”

Um dos fatores importantes do grande poder de Spurgeon, o “príncipe da pregação,” era a linguagem concisa, incisiva e simples que sempre usava.

Como mensageiros de Deus, devemos apresentar em forma clara e simples a verdade tal como é em Jesus. Devemos encaminhar os pecadores a Cristo como o fez o apóstolo precursor e, com simplicidade e fervor, anunciar: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!”

Como Fracassar no Ministério sem Realmente Fazer Força

S. MACLEAN GILMOUR

Professor na Faculdade de Teologia de Andover Newton, EE. UU.

CONVIDASTES-ME para dirigir-vos a palavra na solenidade de vossa ordenação para o ministério evangélico. O que poderei dizer em seis minutos, que meus colegas e eu não conseguimos comunicar em seis semestres? Não há mais pérolas didáticas a serem distribuídas. O armário teológico está vazio.

Visto que não posso dizer nada sôbre como ser bem sucedido no ministério, sem repetir o que meus colegas e eu já ensinamos, resolvi falar a respeito do fracasso. Nesta plataforma há peritos na arte de fracassar em ministérios especializados: como fracassar na qualidade de ministro de Educação Cristã; como fracassar como presidente de uma associação; como fracassar como pregador; como fracassar como conselheiro pastoral. Mas trinta anos de experiência em diversas faculdades de teologia tornaram-me uma espécie de perito geral na questão do insucesso ministerial. Desejo fazer algumas observações a respeito.

Um caminho fácil para o fracasso consiste em livrar-se de todos os livros de teologia, algumas semanas após a ordenação. Esquecei tudo a respeito de bibliotecas; fiz parte de algum clube de livros, para manter as aparências; e lede avidamente apenas o jornal matutino, algumas revistas seculares e os sermões que aparecem em periódicos mensais.

Convém nunca escrever os sermões, formar orações pastorais ou planejar os cultos. Se confiardes na inspiração da noite anterior, podeis — como logo descobrireis — misturar metáforas, usar adjetivos, verbos e advérbios, a torto e a direito, sepultar as idéias sob um amontoado de palavras desconexas, acomodar o Senhor aos últimos acontecimentos do mundo e da igreja, e, em geral, não dizer ou realizar nada que produza maior efeito do que se passásseis quinze ou vinte horas empregando a caneta ou a máquina de escrever.

Há muitas outras maneiras de fracassar no ministério. Conquanto pareçam conduzir a direções diferentes, seu destino é o mesmo.

Quando fordes chamados para uma nova localidade, podeis dizer à congregação que vossos pesados encargos administrativos e a necessidade de estudar tornam impossível seguir o antiquado método de fazer visitas. Quando os membros precisarem de auxílio, terão simplesmente de pro-



curar-vos. Anunciareis as horas regulares em que podereis ser encontrados no escritório, como conselheiro matrimonial, psicólogo, logoterapeuta, operador de curas e outras coisas mais. No entanto, não procurareis travar conhecimento com as pessoas em seus lares, em seu trabalho ou em seus momentos de recreação. O fato de que alguns são bem sucedidos no ministério apesar de seguirem semelhante programa, não invalida a regra.

Por estranho que pareça, inverter êsse procedimento redundará em fracasso quase idêntico. Passai todo o tempo perambulando pelas calçadas de vossa igreja, tomando parte nas reuniões dos jovens, dos homens e das mulheres, assistindo a comissões congregacionais, cívicas e de-

nominacionais, apoiando todos os projetos louváveis que aparecerem e participando de inúmeros banquetes de clubes e agremiações. Isso afastar-vos-á da esposa e dos filhos, reprimirá a ini-

sar no ministério que vós mesmos tereis de descobrir.

No entanto, embora seja possível fracassar ignominiosamente no ministério, sem realmente fazer força, também é gloriosamente possível ser bem sucedido. Para consegui-lo, deveis estar dispostos a dedicar o melhor que tiverdes para vossa elevada vocação. Para um ministério de êxito, pode-se inverter a maioria das regras para o fracasso.

Após a sua ordenação, o ministro pode continuar aumentando sua capacidade intelectual e profissional por meio de métodos de estudo e de aplicação do que êle aprende. (O eufemismo usado para essa prática essencial é: "Programa de Educação Permanente.") Êle pode adestrar-se na arte de pregar com poder, por meio de esmerado e diligente preparo e mediante cuidadosa atenção ao conteúdo, estilo e fundamento bíblico do que pretende dizer. Pode travar conhecimento como o seu povo e auxiliá-lo, sem tornar-se excessivamente organizado e mesmo sem negligenciar seu lar e sua família. Assim como o homem da bem-aventurança do salmista



ciativa por parte da congregação e tornar-vos-á um enfado.

Outra maneira de fracassar no ministério, embora leve algum tempo, é esvaziar o reservatório espiritual sem tomar qualquer providência para reabastecê-lo. Nunca leiais a Bíblia, a não ser na hora da pregação ou quando tiverdes de procurar uma passagem. Orai apenas em público. Passai o tempo conversando. Tornai-vos o centro de todo grupo de pessoas com quem entrardes em contato. Nunca tireis férias autênticas (sempre há púlpitos vagos a serem preenchidos). Evitai terminantemente tôda leitura de biografias. Com o tempo, até os membros menos perspicazes descobrirão que sois uma cisterna vazia.

A falta de tempo não me permite abordar devidamente êste assunto. Não falei nada sobre demorar-se em questões insignificantes; usar uma linguagem teológica estropiada; pregar a respeito de tudo, menos das Escrituras Sagradas. Não mencionei também a contribuição prestada pelo êxito superficial, ou como fracassar cultivando arrogância racial, nacional, denominacional ou social. Há algumas maneiras de fracas-



— aquêle cuja força está no Senhor dos Exércitos — tal pastor poderá transformar o Vale das Lágrimas em fonte de alegria.

Vossos mestres, o conselho de ordenação e vossos futuros colegas desejam sinceramente que tenhais um ministério de êxito!

O PROCESSO DO POLIMENTO

"Não é sem propósito que Deus envia provas a Seus filhos. Êle nunca os dirige de modo diferente do que escolheriam, se pudessem ver o fim desde o principio, e discernir a glória do propósito que estão cumprindo, como cooperadores Seus. Sujeita-os à disciplina para humilhá-los, para levá-los, através de provas e aflições, a verem sua fraqueza e atraí-los para junto de Si. Quando clamam a Êle pedindo auxílio, Êle responde, dizendo: 'Aqui estou.'" — ELLEN G. WHITE, em *Review and Herald*, 7 de março de 1912.

Jonas, o Evangelista

DAVI R. COPSEY

AS histórias dos "pais" do Antigo Testamento "foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado" (I Cor. 10:1 e 11). Entretanto, não devemos deduzir que os pastôres modernos que recusam fazer a obra de um evangelista, serão engolidos por um grande peixe, como sucedeu com Jonas. Alguns pastôres iniciam, porém, a série de conferências com tanta ansiedade, nervosismo e receio, que os espectadores pensam talvez que êles estão sendo arrebataados por alguma coisa. De modo paradoxal, tais evangelistas relutantes estão labutando mais por senso de dever do que por amor.

Parece que a campanha evangelística de Nínive encerra várias lições para o preparo pessoal dos evangelistas modernos, e existe real valor na psicologia do método de aproximação usado por Jonas.

Análise do Fracasso de Jonas

Quando lhe foi dada a ordem: "Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até Mim" (Jon. 1:2), Jonas começou a "pensar nas dificuldades e aparentes impossibilidades desta comissão, [e] foi tentado a pôr em dúvida a sabedoria do chamado. Do ponto de vista humano, parecia que nada se poderia ganhar em proclamar tal mensagem nessa cidade tão orgulhosa. Êle esqueceu... que... Deus... era todo sábio e todo poderoso. Enquanto hesitava, duvidando ainda, Satanás sobrecarregou-o com o desencorajamento. O profeta foi tomado de grande temor, e 'se levantou para fugir.'" — *Profetas e Reis*, pág. 266.

Os homens muitas vêzes ambicionam honra e posição, mas raramente estão dispostos a suportar o pêso da responsabilidade. Êla traz consigo certas conseqüências e riscos, se as coisas não correrem bem. O evangelismo é assim. Se os ninivitas são um grupo hostil, o evangelista pode ter autênticos motivos para preocupar-se com sua segurança física. Mas não foi por essa razão que Jonas fugiu. Êle abrigou-se nalguma coisa mais sutil do que o temor de danos corporais. Se o evangelista não produz resultados que os seus contemporâneos considerem meritórios, êle não colhe louvores pelo que fez. Foi nesse ponto que Jonas fracassou, pois esta-

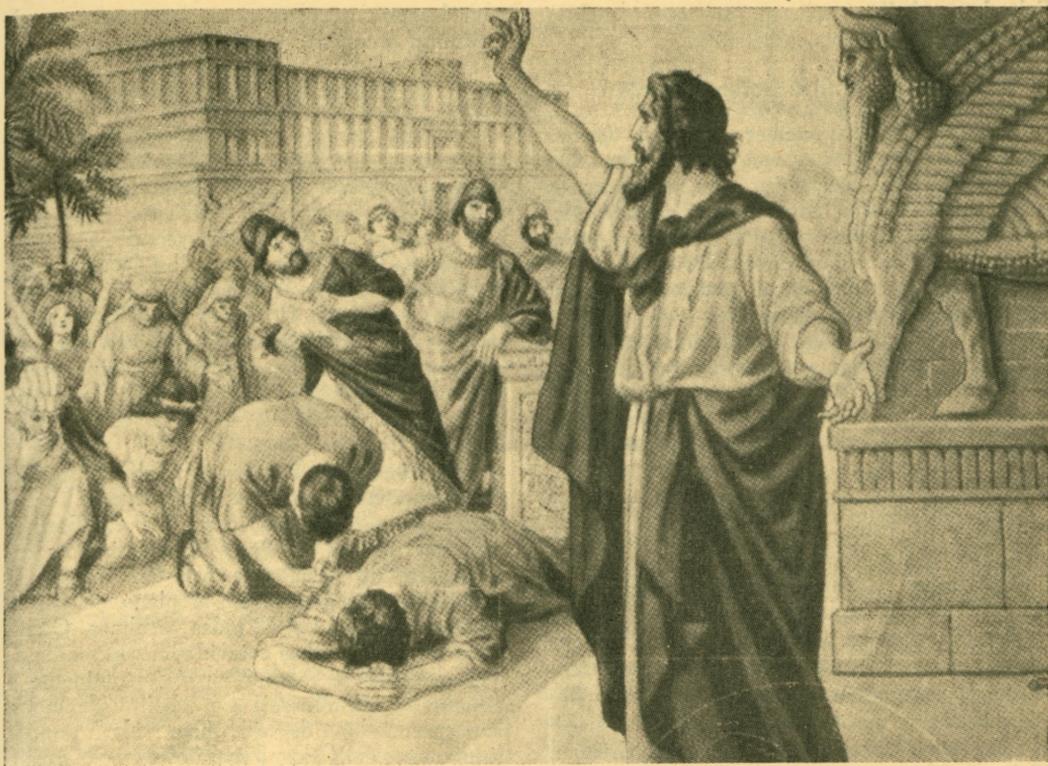
va "cioso de sua reputação" (*Idem*, pág. 271). Preocupava-se mais com o seu prestígio como profeta, do que com as almas que precisavam ser salvas da ruína e perdição.

Quem Estava em Maior Necessidade de Salvação?

Nas entranhas do peixe Jonas teve uma concepção diferente. Êle precisava de salvação tanto quanto a cidade de Nínive. Agora mostrava-se tão submisso como antes havia sido obstinado e inflexível. Estar no ventre do peixe era melhor do que ser açoitado por um mar enfurecido. Êle estava vivo. E quando o peixe vomitou a Jonas em terra sêca, não restou sequer um resquício de dúvida, relutância ou hesitação naquele evangelista. Êle estava disposto a entrar na luta. "O Senhor corrige a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe." Heb. 12:6. Os que suportam o açoite tornam-se submissos ao "Pai dos espíritos." Todo Jonas que tem uma Nínive a sua frente deve arremessar-se sem reservas no mar da oração, e esquadrinhar a alma até ser removido todo vestígio de estima por si próprio e restar apenas submissão e dedicação ao Evangelista celestial.

Nenhuma Equipe de Auxiliares

Hoje em dia, o homem que compreende o chamado de Deus para ir e evangelizar, e que conhece a cidade a ser atingida, começa em geral a formular uma exaustiva série de planos, antes do início das reuniões. Ficamos maravilhados com o êxito que Jonas alcançou naquela grande metrópole do mundo antigo, sem ter inundado a região com literatura, para lançar a semente da verdade presente; sem haver organizado uma série de preleções sobre saúde, a fim de preparar a mente de uma população depravada, para a recepção da verdade genuína; ou pelo menos sem empregar algum método fundamental de aproximação, que apellesse para o anelo de uma existência mais elevada. Ora, êle nem sequer organizou uma equipe de auxiliares para manejar as partes mais necessárias: diretor de música, acomodadores, recepcionista, vendedora de livros, organizador da plataforma, administrador financeiro, equipes de visitação, operador cinematográfico etc. Até o homem de visão mais acanhada teria predito acerbamente a derrota para Jonas.



Começou com uma Verdade Probante

Jonas não organizou nada, a não ser os seus pensamentos, e partiu sem vacilar, em obediência à ordem divina (Jonas 3:3). Também não houve organização alguma no local da campanha evangelística. “Entrando na cidade, Jonas começou a pregar ‘contra ela’ a mensagem: ‘Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida.’” — *Idem*, pág. 270.

Ele não pregou durante duas semanas para conquistar-lhes a confiança e apresentar então as “verdades probantes.” Submeteu-os à prova na primeira vez que abriu a boca. “Ouvi ou perecei! Apenas quarenta dias até que termine o tempo de graça! Preparai-vos para o dia do juízo!” “De rua em rua ia ele fazendo soar a nota de advertência.” Era uma espécie de aproximação de porta em porta, destinada a levar-lhes a mensagem ao invés de esperar que viessem ouvi-la. Tudo indica que Jonas trabalhou com afinco, sem poupar a si mesmo, a fim de assegurar a transmissão completa da advertência. Por suas próprias forças, sem a ajuda divina, é provável que mesmo então ele não conseguisse alcançar as 120.000 pessoas mencionadas em Jonas 4:11.

A advertência dada não foi proclamada em vão. Despertou a cidade toda. Era o assunto da conversa em toda parte. Passava de lábio em

lábio, “até que todos os habitantes houvessem ouvido o assustador anúncio” (*Idem*). Pecadores pregavam a pecadores, e “o Espírito de Deus imprimiu a mensagem em cada coração.... Levou multidões a tremerem por causa de seus pecados, e a se arrependem em profunda humilhação.

“E os homens de Nínive creram em Deus; e proclamaram um jejum, e vestiram-se de saco, desde o maior, até o menor.” ... ‘Deus viu as obras deles, como se converteram do seu mau caminho.’... Sua condenação foi evitada; o Deus de Israel fôra exaltado e honrado através do mundo pagão.” — *Idem*, págs. 270 e 271.

Contraste Entre Cristo e Jonas

Assim, a campanha evangelística que recebeu talvez o menor preparo e planejamento que tenha ocorrido na História, tornou-se uma das mais bem sucedidas. Acaso não podemos deduzir que, se Jonas, sozinho, advertiu uma cidade do tamanho de Nínive, nossos métodos modernos constituem em grande parte um gasto desnecessário? Penso que não. Os tempos mudam, e as pessoas também. “Assim como a pregação de Jonas fôra um sinal para os ninivitas, a pregação de Cristo era um sinal para a Sua geração. Mas que contraste na recepção da palavra! Embora em face de indiferença e de escárnio, o

Salvador trabalhou sempre, até que concluiu Sua missão." — *Idem*, pág. 274.

Uma Coisa Nunca Sofre Alteração

Jonas não pregava melhor do que o Senhor Jesus. As parábolas e as comparações alegóricas de Cristo eram necessárias para enfrentar os preconceitos de Seu tempo. Da mesma forma, a época atual requer métodos novos e diferentes, por causa de maiores obstáculos estabelecidos por Satanás para desviar os homens da mensagem, e a depravação quase universal a que os obreiros "são chamados a enfrentar enquanto procuram proclamar as alegres novas da salvação" (*Idem*, pág. 277). Em vista dessa inevitável adaptação para enfrentar as necessidades do grande número de ouvintes, há um aspecto do evangelismo que nunca sofre alteração. "Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto Eu estou contigo." Atos 18:9 e 10. Essa pregação sempre deve incluir o princípio exposto nestas palavras: "Por isso ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá." S. Mat. 24:44. A responsabilidade de transmitir essa mensagem de escape da ira futura deve pesar sobre os ombros dos que compreendem o que significa ser salvo, dos que discernem em Cristo a "Salvação do Senhor," e dos que colocam a vida aos Seus cuidados, confiando em Seu poder

para levarem a outros a mesma mensagem de esperança e certeza.

É Essencial Haver Convicção

Na obra perante o público é de suprema importância que haja forte convicção por parte do evangelista e seus colaboradores. Jonas possuía essa espécie de convicção. Nós também devemos possuí-la, mas mesmo a convicção não pode suprimir o conselho dado pelo Senhor através de Sua mensageira. No livro *Evangelismo*, a Sr.^a E. G. White menciona alguns métodos e procedimentos que devem ser empregados nas grandes cidades do tempo atual. Deus disse a Jonas: "Prega... a pregação que Eu te disse." Jonas 3:2 — Versão de Almeida, antiga.

Neste tempo do fim, ao ouvirmos a comissão divina para realizar a obra de um evangelista, e de acôrdo com a instrução contida nas Escrituras e no Espírito de Profecia, examinemos cada aspecto de nossa obra para ter certeza de que êle se harmoniza com o plano do Servo, Soberano e Salvador de tôdas as almas. Quando os nossos caminhos coincidirem com os Seus, o evangelismo se tornará um êxito eminente e iminente. Quer êle seja um cheiro "de morte para morte" ou "de vida para vida," sempre triunfaremos em Cristo e manifestaremos "em todo lugar a fragrância do Seu conhecimento." (II Cor. 2:14-17.)

Dez Pontos que Custam Pouco, mas Valem Muito

1. Não se pode promover prosperidade desencorajando o resultado.
2. Não se pode restabelecer os fracos enfraquecendo os fortes.
3. Não se pode ajudar o pequeno destruindo o grande.
4. Não se pode ajudar os pobres destruindo os ricos.
5. Não se pode elevar o assalariado arrastando aquêle que o paga.
6. Não se pode evitar embaraços gastando-se mais do que a receita.
7. Não se pode promover a fraternidade entre os homens incitando-se o ódio de classes.
8. Não se pode estabelecer segurança perfeita com dinheiro emprestado.
9. Não se pode criar coragem e caráter tirando ao homem a iniciativa e a independência.
10. Não se pode ajudar permanentemente os homens fazendo aquilo que êles podem e devem fazer por si mesmos.

O difícil fazemos imediatamente, o impossível leva um pouco mais de tempo.

(De "Land O' Lake News.")

Palavras aos Ministros

ELLEN G. WHITE

TORNOU o anjo que falava comigo — escreve Zacarias — e me despertou, como a um homem que é despertado do seu sono, e me perguntou: Que vêz? Respondi: Olho, e eis um candelabro todo de ouro, e um vaso de azeite em cima com as suas sete lâmpadas e sete tubos, um para cada uma das lâmpadas que estão em cima do candelabro. Junto a êste duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e a outra à sua esquerda. . . . Prossegui e lhe perguntei: Que são as duas oliveiras à direita e à esquerda do candelabro? Tornando a falar-lhe, perguntei: Que são aquêles dois raminhos de oliveira, que estão junto aos dois tubos de ouro, que vertem de si azeite dourado? Êle me respondeu: Não sabes que é isto? Eu disse: Não, meu senhor. Então êle disse: São os dois ungidos, que assistem junto ao Senhor de tôda a Terra.”

Êsses mensageiros celestiais vertem de si azeite dourado, para que a luz possa ser transmitida ao diligente pesquisador da verdade. “Não por fôrça nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.” “Sabereis que estou no meio de Israel, e que Eu sou o Senhor vosso Deus, e não há outro; e o Meu povo jamais será envergonhado.”

Livros Não Usados

Muitos daqueles a quem o Senhor chamou para trabalharem para Êle no ministério estão sobrecarregados com a acumulação de livros. Para alguns, o comprar livros torna-se uma paixão. Com freqüência êsses livros permanecem nas estantes, sem quase nunca serem tocados. Alguns são lidos; mas se o tempo gasto em estudar êsses livros fôsse dedicado a fervorosa oração, se os ministros unissem a alma com o Mestre divino, e examinassem as Escrituras, sentindo fome e sede do conhecimento que provém diretamente da Fonte inexaurível, êles seriam grandemente abençoados.

Os que confiam inteiramente em Deus não precisam de bibliotecas dispendiosas a fim de obterem compreensão das Escrituras. Muitos livros caros não são essenciais; e os que estudam êsses livros em detrimento da Bíblia correm o risco de nutrir idéias confusas. . . . Deus nos outorgou um auxílio: Sua Santa Palavra, e ela é inteiramente segura; e merece tôda a confiança. Os pastôres do rebanho do Senhor, que

lêem e estudam o único Livro digno de confiança, e oram por conhecimento a seu respeito, notarão que os mensageiros celestiais acham-se bem perto, prontos para verter de si o azeite dourado.

Os Sermões Longos Perdem Metade de seu Efeito

As preleções do ministro devem ser curtas. Se um discurso fôr longo, perde metade de sua fôrça. Aquêle que ensina a Palavra de Deus deve cultivar o dom da palavra, para que os assuntos sagrados salientados por êle sejam apresentados da melhor maneira possível, e o precioso azeite dourado faça sua lâmpada refletir raios claros e distintos. A verdade não deve perder nem um pouco de seu poder e atratividade por causa do instrumento por meio do qual é comunicada. Devemos procurar desenvolver as qualidades mais puras, elevadas e nobres, a fim de representar devidamente o santo e sagrado caráter da obra e da causa de Deus.

Fogo Estranho

“Purificai-vos, os que levais os utensílios do Senhor.” “Nadabe e Abiú, filhos de Arão, tomaram cada um o seu incensário, e puseram nêles fogo, e sôbre êste, incenso, e trouxeram fogo estranho perante a face do Senhor, o que lhes não ordenara. Então saiu fogo de diante do Senhor, e os consumiu; e morreram perante o Senhor. E falou Moisés a Arão: Isto é o que o Senhor disse: Mostrarei a Minha santidade naqueles que se cheguem a Mim, e serei glorificado diante de todo o povo.” O Senhor deu a todo o Israel uma lição muito necessária. Seria bom que todos lessem as palavras contidas no décimo capítulo de Levítico, e meditassem nelas. Acaso não tem grande importância que atentemos para o que fazemos ao estar empenhados no serviço de Deus? Todavia, não são olvidadas essas coisas? Não se dá pouca consideração à Palavra de Deus? O fogo estranho, que o Senhor proibiu de ser usado, acaso não está sendo colocado sôbre os incensários e misturado com o incenso oferecido diante de Deus?

Aquêle que expõe a Palavra da vida não deve deixar-se dominar por muitos encargos. Precisa reservar tempo para estudar a Palavra de Deus e examinar o seu próprio coração. Se

esquadrinhar rigorosamente o próprio coração e dedicar-se ao Senhor, compreenderá melhor como apoderar-se das coisas escondidas de Deus. O mestre diligente e humilde, que busca a verdade como ela é em Jesus, com fervorosa oração e estudo, indubitavelmente será recompensado. Ele não procura o auxílio de idéias de escritores humanos, mas da própria Fonte da sabedoria e do conhecimento; e a obra do Espírito Santo é verter o azeite dourado nos vasos de ouro, para que as lâmpadas emitam raios claros e perfeitos, elucidando os propósitos de Deus por meio de verdades da mais elevada espécie. Sob a direção das inteligências celestiais, o pesquisador das Escrituras compreende a verdade de revelação divina. Que grande privilégio!

A Sabedoria por si só Não Traz Êxito

O conhecimento da Bíblia é o único meio pelo qual podemos esperar introduzir as sementes da verdade no coração de outras pessoas. Não compreendemos devidamente a necessidade da Palavra de Deus no ministério do Evangelho. Não é por meio do poder ou da capacidade do instrumento humano que a verdade é inculcada na mente, "mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos." O temperamento peculiar, o conhecimento e a sabedoria daquele que prega a Palavra não podem conferir êxito a sua obra. Paulo pode plantar, Apolo pode regar, mas o crescimento vem de Deus. Quem trabalha para o Senhor deve enaltecer a Palavra do Deus vivo. Cristo precisa ser exaltado como o Salvador crucificado.

Pelo ministério da Palavra nos lares e na igreja, a verdade deve tornar-se conhecida. Esta é a instrumentalidade escolhida pelo Senhor para Seus feitos manterem-se vívidos de geração em geração. Muito se deve fazer com o ministério da Palavra. Quando os serviços da casa do Senhor são considerados como a instrumentalidade através da qual o Espírito Santo opera pela Palavra, há uma influência mais elevada do que a força humana, e os serviços adquirem extraordinário poder, não por causa da grande eficiência do orador, mas em virtude da força e do poder de Deus.

O mestre da verdade deve progredir no conhecimento, crescendo na graça e na experiência cristã, cultivando hábitos e práticas que honrem a Deus e Sua Palavra. Ele deve mostrar aos outros como fazer uma aplicação prática da Palavra. Todo progresso que fazemos em santificada habilidade, em diversos estudos, ajudar-nos-á a compreender a Palavra de Deus; e o estudo das Escrituras nos auxilia no estudo de outros ramos essenciais na educação. Depois do primeiro contato com a Bíblia, o interesse do pesquisador diligente aumenta rapidamente. A disciplina obtida pelo estudo metódico da Palavra de Deus habilita-o a ver uma frescura e be-

leza na verdade que ele nunca discernira antes. A referência aos textos, na pregação, torna-se natural e fácil para aquele que estuda a Bíblia.

Olvidar os Invólucros

Acima de tudo, é essencial que o mestre da Palavra de Deus procure diligentemente imbuir-se da prova intrínseca das Escrituras. Quem quiser gozar a bênção de possuir essa prova, deve examinar as Escrituras por si mesmo. Ao aprender as lições transmitidas por Cristo e comparar uma passagem com outra, para ver se ele próprio traz as suas credenciais, obterá conhecimento da Palavra de Deus, e a verdade gravar-se-á em sua alma.

A verdade é a verdade. Não deve ser envolta em belos adornos, para despertar admiração. O mestre deve tornar a verdade clara e convincente ao intelecto e à consciência. A Palavra é uma espada de dois gumes, que corta em todos os sentidos. Não avança de forma suave e branda.

Apanhando a Malária

Há muitos casos de homens que defenderam o cristianismo contra os cépticos e que depois perderam sua própria alma no labirinto do ceticismo. Eles apanharam a malária e morreram espiritualmente. Tinham fortes argumentos em favor da verdade, e muitas provas extrínsecas, mas não possuíam permanente fé em Cristo. Oh! existem milhares e milhares de cristãos professos que nunca estudam a Bíblia! Para benefício de vossa própria alma, examinai a Palavra Sagrada com diligência e oração. Quando ouvirdes a palavra do pregador vivo, se ele mantiver constante ligação com Deus, notareis que o Espírito e a Palavra concordam um com o outro.

Biografias, uma Bênção

O Antigo e o Nôvo Testamentos estão vinculados pelo áureo liame divino. Precisamos familiarizar-nos com as Escrituras do Antigo Testamento. A imutabilidade de Deus deve ser discernida claramente; cumpre estudar a semelhança de Seu trato com o Seu povo na dispensação passada e na atual. Sob a inspiração do Espírito de Deus, Salomão escreveu o seguinte: "O que é, já foi; e o que há de ser, também já foi; e Deus pede conta do que passou." Com misericórdia, o Senhor repete os Seus feitos no passado. Deixou-nos um relato de Suas proezas em tempos antigos. Precisamos estudá-lo cuidadosamente; pois a História se repete. Temos maior responsabilidade do que aqueles cuja experiência é relatada no Antigo Testamento; pois os seus erros, e os resultados desses erros, foram registados para nosso benefício.

(Continua na pág. 15)

A América do Sul,

a Mensagem Adventista

e o Método - 5.^a Parte



ENOCH DE OLIVEIRA

Secretário da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana

Ocupação Missionária Protestante

CONFORME vimos em artigos anteriores, o monopólio religioso do catolicismo na América do Sul cessou com o monopólio político de Espanha e Portugal.

Com os regimes liberais das novas repúblicas e os princípios de tolerância religiosa gravados na maioria das constituições, abriu-se a porta para os grupos evangélicos, e desde então o movimento protestante tem crescido firmemente em força e intensidade.

Tentativas Infrutíferas

Ficamos surpresos quando nos lembramos de que a primeira aparição do protestantismo na América do Sul ocorreu apenas pouco mais de meio século depois que os espanhóis e portugueses avistaram as praias do continente. No tocante a essa primeira tentativa das igrejas protestantes depois da Reforma, para empenharem-se em missões estrangeiras, Barbieri comenta o seguinte:

"No fim de 1555, uma expedição francesa comandada por Nicolau Durand de Villegaignon, apoderou-se de uma pequena ilha na entrada da baía do Rio de Janeiro, Brasil. Ele esperava prover um refúgio para os huguenotes, que estavam passando por severas dificuldades na França, devido à oposição católica. Entretanto, depois de alguns anos, Villegaignon demonstrou ser um mau administrador e um traidor da fé protestante. Por essa razão, a primeira tentativa protestante para colonizar parte da América do Sul terminou em tragédia. Não restou qualquer vestígio dessa povoação."²³

A próxima tentativa para introduzir o protestantismo foi efetuada pelos holandeses, em 1624-54, durante os trinta anos em que dominaram, por vários períodos, a Bahia, Pernambuco e outras partes do litoral do nosso país; e, se tivessem sido bem sucedidos, teriam também formado um forte Estado Protestante na América do Sul. Durante esse breve período de ocupa-

ção, os missionários holandeses "tencionavam tornar essa região uma colônia protestante e procuraram substituir a supremacia católica por princípios protestantes."²⁴ Contudo, pouco ou nada resultou da obra desses trinta anos, depois que os portugueses expulsaram os holandeses.

Com o malôgro dessas duas tentativas, o protestantismo esteve completamente ausente da Ibero-América por mais de três séculos. Não obstante, o período das revoluções e os anos que vieram imediatamente após a independência das repúblicas da América do Sul apresentaram uma oportunidade mais favorável para o ingresso de grupos evangélicos — podemos dizer que foi mesmo a oportunidade mais propícia.

Desde então, o protestantismo tem tomado extraordinário impulso, causando grande preocupação aos dirigentes da Igreja Católica Romana.

"No presente, há pelo menos seis milhões de protestantes na América Latina. Parte desse número pode ser atribuído à imigração, mas a parte principal deve ser atribuída ao esforço missionário e à consagração dos novos convertidos e às igrejas recém-organizadas. Esse resultado é muito significativo, especialmente se considerarmos a firme e sistemática oposição da Igreja Católica Romana e o demorado ingresso da verdadeira obra missionária protestante."²⁵

O crescimento fenomenal do protestantismo em anos recentes tem ocasionado muito alarme e atividade nos círculos católicos romanos.²⁶

Na verdade, circunscrito durante séculos pelas muralhas de seus castelos, sofrendo tanto a falta de sacerdotes como de competição, o catolicismo romano não estava preparado para enfrentar o arrojado evangelismo empreendido por grupos protestantes.

A princípio Roma procurou impedir a obra dos missionários protestantes, usando o poder da

espada. A *Defensa Catholica*, publicada no México (1887), declarava abertamente:

"No serviço do Senhor e por amor a Ele, devemos, se necessário fôr, ofender os homens; devemos, se necessário fôr, ferir e matá-los. Essas ações são meritórias e podem ser realizadas em nome da caridade católica."²⁷

Atualmente, porém, a igreja desoficializada abandonou a violência física em favor de métodos mais sutis. Ela está incrementando suas atividades em toda a América Latina, fazendo vigoroso esforço para "recuperar" o continente. Eles estão procurando aplicar ou imitar os métodos dos missionários protestantes. Estão procurando dar a Bíblia; naturalmente, com algumas notas. Estão procurando realizar conferências evangelísticas. E agora algumas pessoas estão ficando confusas, pois os métodos deles se assemelham aos dos protestantes. W. Stanley Rycroft escreve:

"Indubitavelmente, o cristianismo protestante exerceu um efeito benéfico sobre o sistema católico romano. Foi mencionado a este autor que em certo país latino-americano um bispo católico romano disse que gostaria de ver um missionário ou pastor protestante em cada paróquia de sua diocese."²⁸

Assim, o protestantismo revitalizou a Igreja de Roma, que agora está dirigindo uma vigorosa campanha para a "recatolização" da América Central e do Sul.

Explosão Adventista

A emancipação política da América Latina é contemporânea com a renovação da Mensagem do Segundo Advento, na América do Norte, da qual emergiu a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Entretanto, foi somente no início da décima década do século passado que os adventistas do sétimo dia se inteiraram do fato de que a América Latina era um grande campo necessitado.

Em 1894, a Associação Geral enviou Frank H. Westphal para iniciar a obra adventista nessa região, e desde então a Igreja Adventista arraigou-se em solo ibero-americano e vicejou opulentamente.

Nas palavras da Sr.^a E. G. White, escritas em 1916, podemos ter uma visão do triunfo do adventismo no continente negligenciado:

"Na África pagã, nas terras católicas da Europa e da América do Sul, na China, na Índia, nas ilhas do mar e em todos os escuros recantos da Terra, Deus tem em reserva um firmamento de escolhidos que brilharão em meio às trevas, revelando claramente a um mundo após-tata o poder transformador da obediência a Sua Lei."²⁹

Quando foram escritas essas palavras inspiradas, havia apenas algumas luzes diminutas brilhando no continente sul-americano. Dêsse tempo em diante, porém, milhares e milhares de filhos de Deus estão sendo trazidos dentre as massas, sob o impacto da Terceira Mensagem Angélica.

A Igreja Adventista na América do Sul avançou a princípio com a velocidade da lêsma. Após 55 anos de árduo trabalho, de muitas lutas e sacrifícios, nosso número de membros em 1949

era de apenas 50.000 crentes batizados. Por volta dessa época, porém, o movimento adventista começou a dar indícios de vida. Em 1959 a população adventista na América do Sul era de 100.000 almas. A partir de então a causa do Senhor progrediu consideravelmente, atingindo 200.000 em 1967.

Como podemos explicar este rápido crescimento? Cremos que os seguintes fatores são os mais importantes:

1. A rebelião da nova geração contra as velhas tradições. Como resultado dessa rebelião, cada dia milhares de católicos estão abandonando a igreja. Em sua revolta, os jovens estão agora buscando novas doutrinas e ideais.

2. O início de um evangelismo mais arrojado, que o dinâmico e intrépido evangelista Valter Schubert promoveu em dramáticas campanhas organizadas e dirigidas por ele, especialmente durante os anos 1948-1954. Antes dêsse tempo parecia que a Igreja Adventista na América do Sul se tornara institucionalizada ou chegara a um impasse, e estava sofrendo de um complexo de inferioridade motivado por forte preconceito e oposição popular.

3. O abandono do sistema tradicional de evangelismo protestante, introduzido por missionários dos Estados Unidos, e a adoção de métodos novos e mais eficazes para lidar com os católicos romanos. Essa nova maneira de proceder foi sistematizada por Valter Schubert e modificada posteriormente de acordo com as necessidades de um continente em alteração.

A América do Sul, a "terra proibida" do passado, está bem aberta para o Evangelho. Quinze anos atrás, nalgumas cidades, os mensageiros da Verdade teriam sido apedrejados. Agora eles estão sendo convidados a ir até lá e pregar. Não sabemos, porém, o que nos está reservado para o futuro. Estão ocorrendo rápidas modificações, e parece que virão outras maiores. É o que os acontecimentos atuais nos declaram em linguagem eloqüente e persuasiva. O que sucedeu em Cuba, onde foram fechadas as portas para os missionários estrangeiros e mesmo para uma sistemática obra evangelística nacional, deve ser uma advertência para nós e um incentivo para multiplicarmos os esforços nos lugares em que ainda temos a oportunidade de anunciar o poder transformador do Evangelho.

Referências

23. Santo Uberto Barbieri, *Land of Eldorado* (Nova Iorque: Friendship Press, 1961), págs. 62 e 63.
24. *Idem*, pág. 63.
25. *Idem*, pág. 67.
26. Rycroft, *op. cit.*, pág. 137.
27. Roberto E. Speer, *op. cit.*, pág. 231.
28. Rycroft, *op. cit.*, pág. 139.
29. E. G. White, *Profetas e Reis*, págs. 188 e 189.

Princípios Práticos de Reavivamento e Evangelismo

ERNESTO H. J. STEED

Secretário do Departamento de Temperança da Associação Geral

TODO obreiro e membro que observa o tempo em que vivemos não pode deixar de considerar o apêlo para reavivamento e evangelismo, feito pelo presidente da Associação Geral, Pastor Roberto H. Pierson, como estando na providência e no plano de Deus.

Muitas vêzes surge, porém, a questão do significado do reavivamento e evangelismo, e como podem ser desenvolvidos eficazmente êses dois meios de renovação espiritual.

Por muitos anos tenho ouvido preleções, propostas e filosofias a êsse respeito. Indubitavelmente, chegamos a uma época em que a igreja deve imbuir-se do verdadeiro espirito dessas experiências com Deus e em Seu favor.

Quais são, então, os princípios práticos que promovem o reavivamento e evangelismo? Estão êles diretamente relacionados com um grande propulsor que impulsiona a ambos segundo a vontade de Deus?

Vida Vitoriosa

O mundo encara a vitória sob o aspecto do triunfo pela fôrça, mas o plano de Deus para cada cristão é a vida vitoriosa mediante a renúncia do próprio eu. O ideal do Senhor para cada crente é que sejam vitoriosos sôbre o amor do mundo e a "concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (I S. João 2:15 e 16).

Quando a maioria dos cristãos professos olham para sua própria vida, êles não vêem um registro de vitória, mas sim, com bastante frequência, um relato de derrota infligida por Satanás e pela carne. Por conseguinte, o apêlo para reavivamento é uma mensagem de segurança, conduzindo novamente para a vereda da piedade prática.

Evangelismo é o ato de transmitir à humanidade, por meio de testemunho pessoal, as boas novas de que é possível obter vitória na vida.

Proclama a única esperança para a manutenção de autêntica vida abundante, aqui e no porvir. As boas novas do Evangelho são em realidade simplesmente o fato de que Jesus nosso Senhor e Salvador realizou por nós, e pode efetuar agora em nós e por nosso intermédio, aquilo que o homem não podia e não pode fazer sozinho.

A finalidade do Evangelho, portanto, é conceder vida vitoriosa e restaurar o homem a sua devida posição. "Tudo isto para que o homem pudesse ser erguido da ruína e degradação do pecado, a fim de que refletisse o amor de Deus e participasse do gôzo da santidade." — *Vereda de Cristo*, pág. 11.

Perda do Domínio Próprio

O homem perdeu o domínio próprio junto aos portais do Éden, ao entregar ao inimigo o domínio sôbre êste mundo e sôbre sua própria pessoa. Desde então a humanidade tem procurado reabilitar-se por todos os meios possíveis. Enganado e iludido pelo arquiinimigo, o homem continua a mergulhar-se cada vez mais em intêrêses egoístas, abusando de suas faculdades físicas, mentais, sociais e morais. Assim, tôda modalidade de prazer sensual tornou-se um meio de satisfação e ostentação própria. "Prometendo-lhes liberdade, quando êles mesmos são escravos da corrupção." II S. Ped. 2:19.

"A satisfação própria tem imperado quase que supremamente nos corações de homens e mulheres, desde a Queda. De modo especial, tem havido condescendência com o apetite, e êles têm sido dominados por êle e não pela razão. Para satisfazer o apetite, Eva transgrediu o mandamento de Deus. . . . Desde então, seus filhos e filhas decaídos têm seguido os desejos de seus olhos, e sua propensão." — *Temperance*, pág. 15. "A intemperança constitui a base de todos os males existentes no mundo." — *Idem*, pág. 165. "A intemperança de tôda espécie é uma viola-

ção das leis de nosso ser.” — *Idem*, pág. 146. A palavra “intemperança,” em sua devida acepção, significa “falta de temperança ou restrição.” S. Paulo declara que “são inimigos da cruz de Cristo” os que praticam essas coisas. “O destino dêles é a perdição, o deus dêles é o ventre, e a glória dêles está na sua infâmia; visto que só se preocupam com as coisas terrenas.” Filip. 3:18 e 19.

É Mister Haver Piedade Prática

Em vista destes fatos, cogito que a piedade prática é o princípio fundamental de verdadeiro reavivamento e evangelismo. A semelhança com Deus na vida só se torna possível mediante o poder de Cristo, que é imputado e comunicado para restaurar o domínio próprio do homem. Esse fruto da plenitude do Espírito não é nada mais do que temperança. A palavra “temperança” é traduzida por “domínio próprio” pelos melhores tradutores. (Ver, por exemplo, Gál. 5:23 na Edição Revista e Atualizada no Brasil.)

A temperança é, portanto, uma verdade oportuna para o tempo presente — um retumbante desafio contra a intemperança, uma resposta para os que se acham enlevados na servidão e deslumbramento do pecado, uma mensagem prática de vitória, por meio de Cristo, sobre todo pecado costumeiro e carnal, e sobre Satanás, que prende o homem à satisfação própria.

Essa mensagem de piedade prática é uma resposta positiva para a luta e o empenho de todos os homens contra sua natureza carnal, pecaminosa e obstinada. “O inimigo que mais carecemos temer é o próprio eu. Nenhuma forma de vício tem efeito mais funesto sobre o caráter, do que a paixão humana quando não está sob o domínio do Espírito Santo. Nenhuma vitória que possamos ganhar será tão preciosa como a vitória sobre nós mesmos.” — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 485.

É essencial, portanto, que examinemos nossa condição no tocante à procura da santidade. “Todos quantos querem aperfeiçoar a santidade no temor de Deus, têm de aprender as lições da temperança e do domínio de si mesmo.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 70.

Por meio de advertências e conselhos à igreja, a mensageira do Senhor reiteradas vezes focalizou a natureza prática do reavivamento e evangelismo, como as atitudes cotidianas em relação com os outros, o cuidado de nossa saúde, a maneira de praticar devoção diária, testemunhar etc. Os *Testemunhos* e outros escritos oferecem minuciosa orientação em todos os aspectos da aplicação prática do Evangelho, mas em tudo isso dá-se considerável ênfase ao fato de que o apetite e o desejo constituem uma encruzilhada para o homem, exigindo o uso de domínio próprio.

Por conseguinte, o primeiro ponto que temos de reconhecer é que a temperança constitui alguma coisa que se obtém por intermédio de Cristo (domínio próprio). Não é alguma coisa que renunciemos, e, sim, alguma coisa que adotamos. Por isso precisamos de temperança ou domínio próprio. É a falta de domínio próprio que produz declínio e apostasia espiritual.

“Quase toda família precisa ser incentivada. A mente tem de ser esclarecida, e despertada a consciência para o dever de praticar os princípios de verdadeira reforma.” — *Temperance*, pág. 169. E olhando para o futuro, disse E. G. White: “O motivo por que muitos de nós cairão no tempo de angústia consiste em lassidão na temperança e condescendência com o apetite.” — *Idem*, pág. 150.

Qual é, então, o plano de Deus?

Restauração da Verdadeira Natureza

Reavivamento, aquilo que todos necessitamos, é o ato de avivar e despertar. Ele não é propriamente uma doutrina, mas uma vereda que conduz à restauração. Constitui, pois, uma parte do evangelismo, com sua proclamação da verdade, iluminando o homem com o Evangelho eterno. Apresenta a mensagem da restauração do homem, por meio de Cristo, a sua verdadeira natureza, concedendo-lhe assim domínio sobre o próprio eu. É o dom espiritual da temperança (domínio próprio). Dirigindo a sua vontade para Deus e colocando nEle as suas afeições, o homem pode alcançar uma vida vitoriosa. “O maior triunfo que nos é concedido pela religião de Cristo consiste no domínio de nós mesmos. Nossas inclinações naturais devem ser controladas, pois do contrário nunca venceremos como Cristo venceu.” — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 235.

O Propulsor

O propulsor do reavivamento e evangelismo é a influência e o grande poder do Espírito Santo, induzindo as pessoas à piedade prática. A mensageira do Senhor salienta que a santificação “não é meramente uma teoria, uma emoção ou um sistema de palavras, mas um princípio ativo e vivificante que se manifesta na vida diária. Exige que nossos hábitos de comer, beber e vestir sejam de molde a assegurar a preservação da saúde física, mental e moral, para podermos apresentar os nossos corpos ao Senhor, não como oferenda corrompida por maus hábitos, mas como ‘sacrifício vivo, santo e agradável a Deus.’ Romanos 12:1.” — *Temperance*, pág. 19.

O reavivamento espiritual e o poder evangelístico transformam, causando piedade prática e incentivando o homem a separar-se de todas as formas de intemperança.

Promovendo a Reforma da Vida

Para serem bem sucedidos, todo reavivamento e todo empenho evangelístico precisam promover a reforma da vida. "Tôda verdadeira reforma tem o seu devido lugar na obra da mensagem do terceiro anjo. De modo especial, a reforma pró-temperança requer nossa atenção e apoio." — *Idem*, pág. 234. Foi a Sr.^a White que salientou este fato: "Muitos que professam piedade agem de maneira tão descuidada, e são tão insensíveis a seu perigo, como se não houvesse juízo futuro. Aguarda-os terrível retribuição; no entanto, são controlados por impulso e cruel paixão... Admoesto todos os que professam o nome de Cristo a se apartarem da iniquidade.

"Purificai vossas almas pela obediência à verdade. Purificai-vos de tôda impureza da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus." — *Testimonies*, Vol. 3, pág. 475.

Um Princípio e Um Programa

Esse amplo aspecto da temperança não é outra coisa do que mostrar as inferências e a relação da temperança para com a piedade prática, a santificação e a vida vitoriosa.

"Os pecados que são cometidos estão tornando a Terra um antro de corrupção. Esses pecados precisam ser combatidos severamente. Aquêles que pregam devem exaltar a norma de temperança sob o ponto de vista cristão. Se a temperança fôr apresentada como fazendo parte do Evangelho, muitas reconhecerão sua necessidade de reforma." — *Temperance*, pág. 246.

Notai ainda as seguintes declarações:

"O assunto da temperança, em todos os seus aspectos, ocupa um lugar importante no desenvolvimento de nossa salvação." — *Idem*, pág. 163.

"O Senhor nos confiou a obra de ensinar a temperança cristã sob o ponto de vista bíblico." — *Idem*, pág. 239.

Convém examinar o índice dos escritos de E. G. White referentes ao "domínio próprio" e notar a aplicação espiritual da verdadeira temperança. Isto certamente convencerá até os mais relutantes, mostrando-lhes que nessas verdades reside o segredo de genuíno reavivamento e evangelismo.

A esta igreja foram outorgados os princípios e o programa de ação. O livro *Temperança*, de E. G. White, apresenta um plano de reavivamento e evangelismo olvidado agora por muitos pregadores:

"Se levássemos avante a obra de temperança da maneira como foi iniciada trinta anos atrás [publicado em 1900];... se essas coisas fôsem apresentadas em conexão com as evidências da breve volta de Cristo, haveria um despertamento entre o povo." — Página 257.

Diante dêstes fatos, podemos desprezar o apêlo de origem celestial, com referência a reavivamento e evangelismo que despertem as energias espirituais e prendam a atenção e o interesse de multidões que procuram solucionar os seus crescentes problemas de pecado e intemperança?

Palavras aos Ministros

(Continuação da pág. 10)

O sinal de perigo foi erigido para afastar-nos do terreno proibido, e devemos cuidar para não proceder da mesma maneira que êles, para que não nos sobrevenha um castigo mais severo. As bênçãos concedidas àqueles que em séculos passados obedeceram a Deus foram registadas para que sejamos incentivados a portar-nos com circunspecção, em fé e obediência. Os juízos que caíram sobre os malfeitores foram delineados para que temamos e tremamos diante de Deus. As biografias das Escrituras são uma grande bênção. Foi-nos legada essa preciosa instrução: a experiência dos séculos.

Examinar as Escrituras é um tempo muito bem empregado; "porque julgais ter nelas a

vida eterna." E Jesus declara: "São elas mesmas que testificam de Mim." Por intermédio do Espírito Santo a verdade é gravada na mente e impressa no coração do estudante diligente e temente a Deus. E não somente êle é abençoado por essa espécie de trabalho; as pessoas a quem êle transmite a verdade e pelas quais terá um dia de prestar contas, também são grandemente favorecidas. Os que aceitam a Deus como seu Conselheiro deparam com a mais preciosa colheita ao juntarem os valiosos grãos da verdade contida em Sua Palavra; pois o Instrutor celestial acha-Se bem perto dêles. Aquêles que assim obtêm sua qualificação para o ministério terá direito à bênção prometida aos que a muitos conduzirem à justiça. — *Review and Herald*, 20 de abril de 1897, págs. 457 e 458.



Trabalhando em Favor de ex-Adventistas

KENNETH J. MITTLEIDER

Secretário da Associação Ministerial da União Norte do Pacífico, Estados Unidos

NÃO existe maior emoção para qualquer ministro ou congregação do que ver aqueles que antes andavam conosco e depois ficaram indiferentes, tornarem-se de repente novamente ativos e ajudarem a suportar a responsabilidade de concluir a obra de Deus.

Há três métodos de aproximação que têm sido muito úteis no trabalho em favor de ex-membros.

Primeiro: Convidá-los Para as Reuniões

Os membros que abandonaram a igreja podem estar esperando a visita do pastor ou do evangelista para incentivá-los a assistir a uma série de reuniões. Quando eles fazem isto e participam novamente do companheirismo e do fervor da igreja, talvez logo se tornem outra vez membros ativos.

Tenho verificado que os ex-membros que assistem a uma série de reuniões, em especial desde o início, quase sempre retornam à plena comunhão da igreja, como resultado de frequentarem as reuniões, entrarem em contato com os membros e permitirem que o Espírito Santo habite outra vez em seus corações. Mas o que se deve dizer nessa primeira visita, para levá-los às reuniões?

Ao chegar à casa de algum membro afastado, eu sempre procuro averiguar se ele ainda mora no endereço que me foi fornecido, perguntando simplesmente: "É esta a residência de Pedro Filipe?" Em caso afirmativo, apresento-me e pergunto se ele recebeu uma comunicação a respeito da série de conferências ou reuniões. Após a sua resposta, declaro o seguinte: "Soube

que o senhor era um membro ativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia. É verdade?" Se a resposta for afirmativa, continuo dizendo: "Durante quanto tempo o senhor foi um membro ativo?" Gosto de usar a palavra "ativo," pois ela me revela muita coisa acerca da família que estou visitando, e faz com que eles se sintam mais à vontade.

Se o homem afirmar que foram membros durante cinco anos ou mais, sei que em noventa e nove por cento dos casos eles ainda crêem na mensagem, e prossigo dizendo: "Estamos contentes por notar que os senhores crêem ser esta a mensagem de Deus, e desejamos que mantenham comunhão conosco. Não queremos forçá-lo a tomar agora mesmo a decisão de voltar, mas não deseja começar a assistir à série de reuniões? Nós o amamos realmente como a um irmão em Cristo. Solicitamos o seu auxílio para animar os seus amigos a frequentarem a série de palestras religiosas. Não quer ajudar-nos com a sua presença e a de outros?" Eu espero para ver qual será a sua reação. Se ele começar a assistir às reuniões, visitarei o seu lar uma vez por semana para solucionar os problemas que o diabo colocar em seu caminho, para que possa fazer uma entrega completa na reunião de decisão. Uns dois dias antes dessa reunião, procuro visitá-lo novamente a fim de prepará-lo para atender ao apelo a ser feito naquela ocasião.

A Segunda Visita

Se ele não assistir à série depois de meu primeiro convite, minha segunda visita a esse lar ocorrerá mais ou menos da seguinte maneira:

Ao chegar à porta e ser recebido pelo Sr. Pedro, digo-lhe: "Sr. Pedro, procurei-o na reunião e não consegui vê-lo; talvez estivesse presente, sem que eu o notasse. Consegui assistir à reunião?" Se a resposta fôr negativa, e êle disser: "Não pudemos ir," declaro mais ou menos o que segue: "Sei que as circunstâncias às vêzes impedem as pessoas de ir às reuniões a que gostariam de assistir; por isso vou orar para que tudo dê certo nesse sentido. Desejo falar-lhe sôbre alguma coisa ainda mais importante do que isto. Sei que o senhor crê ser esta a mensagem de Deus, e que o seu maior desejo é ser uma parte integrante dessa mensagem. Por outro lado, não estou aqui para constrangê-lo. Sei que neste momento o senhor não está preparado para dizer-me qual será a sua decisão, mas pretendo fazer algo, e espero que o irmão faça isso comigo. Pretendo começar a orar para que Deus o auxilie nesta semana a tomar uma firme decisão em Seu favor. Desejo que ore a êsse respeito nos próximos sete dias. Voltarei daqui a uma semana, e quero que me comunique exatamente o que deseja fazer com Cristo. Se quiser continuar a viver da mesma maneira que antes, e excluf-Lo de sua vida, queira comunicar-me isso, e eu não o incomodarei mais. Mas se realmente quiser dar o primeiro lugar a Cristo, farei todo o possível para auxiliá-lo a preparar-se para a Sua volta. Está disposto a fazer isto, não é mesmo?" Quase sempre a resposta é afirmativa, e a pessoa orará a êsse respeito. Muitas decisões são tomadas desta maneira.

A Terceira Visita

Sempre há alguns membros afastados que dizem: "Sim, sei que devo ir; procurarei frequentar as reuniões," mas o fato é que êles não comparecem. Ao serem visitados, replicam: "Não me pressione; não insista comigo!" O ministro visitante não ousa então apertar com êles, para não receber uma resposta negativa. O Senhor mostrou-me um método que tem dado bons resultados com tais pessoas.

A primeira visita dar-se-á da maneira descrita acima. Na segunda vez a pessoa torna a dizer que não deseja ser pressionada ou coagida, e assim o ministro tem de agir com cautela, esperando que o membro afastado compareça a uma das reuniões. Mas ainda não há qualquer reação de sua parte.

Ao ser visitado pela terceira vez, é bem provável que êle diga o seguinte ao abrir a porta: "Oh, não! Não é possível! O senhor outra vez aqui?" Pode ser que não empregue tôdas essas palavras, mas suas ações indicarão que é isso o que êle está pensando. Eis o que costume dizer então:

Reputação e Caráter

Reputação é o que pensam que você é; caráter é o que você é em realidade.

Reputação é o que você tem quando chega a um nôvo lugar; caráter é o que você tem quando dali se retira.

Se quiser obter uma posição, você necessita de Reputação; se quiser conservá-la, precisa de Caráter.

Reputação o faz rico ou pobre; caráter o faz venturoso ou miserável.

Reputação passa como um cogumelo; caráter dura pela eternidade.

Reputação é o que os homens dizem a seu respeito sôbre o seu túmulo; caráter é o que os anjos dizem a seu respeito perante o trono de Deus.

Reputação é a base do julgamento temporário dos homens; caráter é a base do eterno julgamento de Deus.

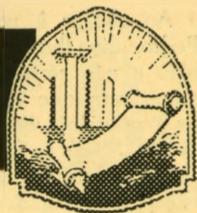
De O Orientador.

"Sr. Pedro, cheguei até aqui para visitá-lo só mais esta vez. Sei que Jesus voltará em breve, e o senhor também sabe isto. Teremos de passar a eternidade juntos, portanto eu gostaria de saber o que o senhor faria em meu favor se as nossas condições fôssem invertidas. Digamos que o senhor viesse visitar-me, e soubesse que eu estava afastado da igreja que transmite a mensagem de Deus a um mundo agonizante. Imaginemos que eu quisesse voltar, mas não fizesse o menor esforço nesse sentido. O senhor me amaria o suficiente para voltar outra vez e convidar-me novamente?"

Ainda estou para ver uma porta que permaneça fechada com essa espécie de aproximação. Sereis convidados a entrar, e a pessoa dirá: "Quero fazer alguma coisa a êsse respeito." Solicitar-vos-á então que não deixeis de trabalhar em seu favor, e quase sempre começará a falar sôbre os problemas que a têm afastado da igreja.

Estas são as três tentativas de aproximação que o Senhor me ensinou através da visitação pessoal, e espero que estas ilustrações sejam proveitosas para aquêles que visitam membros afastados.

Ao pensarmos nas 325.000 pessoas que nos últimos dez anos abandonaram esta mensagem no mundo todo, podemos compreender a enorme possibilidade de conquistar almas neste setor da grande vinha de Deus.



Compreendendo Isaías 7:14

C. G. TULAND

Pastor na Associação de Illinois, Estados Unidos

UM dos mais controvertidos problemas textuais é a tradução de Isaías 7:14. Lemos na Versão do Rei Tiago (King James Version) e também na de Almeida: “Eis que uma *virgem* conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel.” A *Revised Standard Version* diz assim: “Eis que uma *mulher jovem* conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel.”

A opinião tradicional defende a exatidão da primeira tradução, por ser aparentemente a única a predizer claramente o nascimento virginal de Cristo. Então, visto que a outra versão diz “mulher jovem,” muitos creêm que isso elimina uma doutrina fundamental da fé cristã, a saber, o maravilhoso nascimento virginal de Cristo. Essa idéia é correta ou errônea? Procuraremos elucidar a questão “de acôrdo com a Palavra de Deus.”

A tradução bíblica é extremamente difícil, em especial quando diz respeito a passagens com problemas críticos como este um. Por vezes sente-se a oposição da mentalidade modernista, bem como as objeções ocasionais de “pugnadores” desnorteados, ou, citando as palavras de Paulo, de pessoas que “têm zelo por Deus, porém não com entendimento” (Rom. 12:2).

Pode ser de interesse saber que cristãos piedosos e eruditos devotos rejeitaram a Versão do Rei Tiago, 350 anos atrás, do mesmo modo que numerosos crentes se opõem à *Revised Standard Version* ou a qualquer outra tradução “moderna.” O Dr. Hugo Broughton, da Inglaterra, um notável conhecedor das línguas hebraica e grega, enviou uma mensagem ao Rei Tiago, sob cujos auspícios foi efetuada a tradução, dizendo: “Preferiria ser dilacerado por animais selvagens a consentir que semelhante tradução seja re-

comendada às pobres igrejas... A nova edição suscita a minha indignação. Exijo que seja queimada.” Pois bem, o Dr. Broughton não foi despedaçado por animais selvagens, e a Versão do Rei Tiago não foi queimada.

Os cristãos podem e precisam ser honestos na interpretação da Bíblia. A verdade que tem de apoiar-se numa só passagem, que ainda foi deturpada ou traduzida e interpretada errôneamente, deixa de ser verdade. Se é difícil compreender o texto, o cristão deve atender ao conselho de Deus, o qual Se mostrou tão humanamente “razoável,” que chegou a dizer: “Vinde, pois, e arrazoemos.” Isa. 1:18. Nossas dificuldades provêm quase sempre de nossa falta de conhecimento, mas se formos suficientemente humildes e dóceis, poderemos compreender até questões complexas e intrincadas. “Porque o Espírito a tôdas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus.” I Cor. 2:10.

Levando em consideração êstes pensamentos, mas reconhecendo as nossas fragilidades humanas e o fato de que agora, como há 350 anos no passado, muitos cristãos podem estar sinceramente perturbados — embora adotem uma posição errada — por uma tradução não coincidir com suas convicções pessoais, consideremos o significado e a importância das duas versões de Isaías 7:14.

Essa passagem é uma profecia referente a uma criança que deveria nascer como sinal para o Rei Acáz e o povo de Judá, indicando a boa vontade de Deus para livrar Jerusalém de seus inimigos. Parece que o principal problema é se a palavra hebraica *‘almah* (“donzela” ou “mulher jovem”) pode ser traduzida corretamente pelo vocábulo “virgem,” como aparece na Versão do Rei Tiago, na Almeida e em outras mais. Visto que êle não é mera-

mente um "térmo técnico," o objetivo desta investigação é verificar se a tradução de 'almah por "mulher jovem" se fundamenta em sólida base filológica, histórica e teológica. Estes fatores orientarão nosso estudo.

Importância dos Termos Hebraicos

No tocante ao uso e aplicação das palavras 'almah e bethulah, no Antigo Testamento, as observações que aparecem nas páginas 151-157 do livro *Problems in Bible Translation* (Problemas na Tradução da Bíblia) parecem inteiramente adequadas a nossos desígnios, e deviam ser consultadas. É de suma importância compreender as diversas expressões hebraicas que denotam várias etapas do desenvolvimento dos sexos, indicando também a idade, a condição matrimonial, moral ou social, bem como o seu emprêgo em passagens bíblicas. Conseqüentemente, tôda vez que o Antigo Testamento fala sôbre uma bethulah, refere-se a uma virgem no sentido mais estrito e moral.

Uma boa ilustração encontra-se em Gênesis 24, onde são usadas três palavras hebraicas diferentes para descrever a Rebeca: ela era uma na'arah, uma "môça" (vers. 16), indicando o sexo a que pertencia; uma 'almah, ou "mulher jovem" (vers. 43), significando que ela estava em idade de casar; e, finalmente, ela era uma bethulah, uma "virgem" (vers. 16, seg. parte), acrescida da explicação "a quem nenhum homem havia possuído."

A mesma observação é feita com referência à filha de Jefté, sôbre quem recaiu o voto feito pelo pai, de ser oferecida em holocausto (Juí. 11:31). Como medida preparatória para êsse ato, ela se foi com as suas companheiras para chorar a sua "virgindade" (bethulai), por dois meses. Nessa história também é declarado que ela "jamais foi possuída por varão" (Juí. 11:37-39).

Juízes 21:12 é ainda mais explícito, pois ali se faz alusão a "quatrocentas môças virgens, que não se deitaram com homem." Em S. Lucas 1:34, Maria aplica a si mesma êsse conceito dos hebreus, dizendo: "Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?" Essa explanação referente a sua condição moral é também a "justificativa filológica" do Nôvo Testamento para chamá-la de parthenos, isto é, uma virgem. — *Interpreter's Dictionary*, Vol. R-Z, pág. 787.

No entanto, a terminologia hebraica para as questões relativas ao sexo é com freqüência muito franca e realista. Em Levítico 21:7 e 14, os sacerdotes são exortados a não casar com mulheres "desonradas." O verbo chalah significa não sômente "profanar," "desonrar," mas também "perfurar" (Brow, Driver, Briggs, *Hebrew and English Lexicon*, págs. 319-321. Parece que no contexto acima o significado é "perfurar,"

como resultado de relação sexual com uma virgem. Se, portanto, o espôso recém-casado não encontrasse "as provas da virgindade" da espôsa, isso indicava a ausência do hímen, e os pais, para contestar essa acusação, podiam apresentar como prova a roupa da môça. Essa aplicação do verbo parece ser apoiada pelo versículo 20 de Deuteronômio 22: "Porém se isto fôr verdade, que se não achou na môça a virgindade (betulim)..." A mesma interpretação parece ser o conceito rabínico encontrado em Keth. I, 1; Y. Yeb. VI, 7c, Jastrow, *Dictionary of Talmud Babli Ierushalmi*, e *Midrashic Literature*. Vol. 1, pág. 200 (Nova York: Pardes Publishing House, Inc., 1950).

Inserir a ideologia grega de parthenos não ajuda a esclarecer o emprêgo do termo hebraico no Antigo Testamento. O conceito grego referente à palavra "virgem," da maneira como é interpretada pelas religiões pagãs, difere consideravelmente do hebraico. Portanto, não parece ser justificável traduzir 'almah, "Mulher jovem," em Isaías 7:14, por "virgem." A única tradução coerente é a da *Revised Standard Version*: "Eis que uma mulher jovem conceberá, e dará à luz um filho."

Uma Interpretação Equilibrada

O segundo ponto, que assegura uma interpretação equilibrada da profecia de Isaías 7:14, deve ser procurado em seu cumprimento histórico. A mensagem de Deus para Acaz era uma proclamação de livramento de Jerusalém no tempo em que Rezim, rei da Síria, e Peca, rei de Israel, se preparavam para conquistar a cidade. Para confirmar a veracidade dessa promessa, o Senhor deu um "sinal" para Acaz, predizendo a destruição dos dois poderes hostis, dentro de um curto período de tempo. A profecia declarava que nasceria uma criança, e "antes que êste menino saiba desprezar o mal e escolher o bem, será desamparada a terra, ante cujos dois reis tu tremes de medo." Isaías 7:16. Se esta profecia era fidedigna, como cremos realmente, ela teria de cumprir-se no tempo de Acaz. Tiglate-Pileser III, rei da Assíria, veio e destruiu ambos os reinos: a Síria (Damasco), em 732 A.C.; e Samaria, em 721 A.C. (Verso 17.) O primeiro cumprimento dessa profecia foi, portanto, uma ocorrência na história secular, no tempo de Isaías e do rei Acaz.

A terceira objeção quanto a aplicar a predição de Isaías a um nascimento virginal na época de Acaz é de natureza teológica. O comentarista que afirmasse — apesar da clara distinção entre 'almah e bethulah, bem como do cumprimento histórico nos dias de Acaz — que Isaías 7:14 predizia um miraculoso nascimento virginal, teria de admitir que tal criança também seria dotada com a mesma natureza divino-humana e o poder que Jesus Cristo possuía.

O problema não consiste, pois, apenas em que a existência dessa pessoa não é autenticada historicamente, mas também no fato de que a tradução de 'almah por "virgem" suscita uma insolúvel dificuldade teológica. Conquanto o uso de 'almah — "mulher jovem" — seja perfeitamente aceitável tanto filológica como teologicamente, em seu cumprimento original na história secular, durante o reinado de Acáz, os eruditos bíblicos ou os teólogos não conseguiriam solver as inferências teológicas se Isaías houvesse usado a palavra *bethulah* para uma outra ocorrência além do nascimento virginal de Cristo. Teimar que em Isaías 7:14 'almah significa "virgem," também exige a aceitação de um milagre biológico e o nascimento de outro ser divino-humano, pouco mais de sete séculos antes de Cristo, o que é uma interpretação inaceitável e um conceito que não se baseia na Bíblia. A tradução de 'almah — "mulher jovem" — por *parthenos* — "virgem" — na Versão dos Setenta é um evidente erro. Não indica, certamente, que os tradutores eram divinamente inspirados. Pelo contrário, essa tradução causa complicações e ocasiona insuperáveis problemas teológicos.

Um Só Descendente

Como Isaías 7:14 pode então ser incluído entre as profecias *messiânicas*? Pelo princípio do *duplo* cumprimento, segundo o qual têm de ser interpretadas diversas predições bíblicas. A promessa feita a Abraão declarava que a sua descendência seria como o pó da Terra e as estrelas dos céus (Gên 13:16; 15:5). Assim, do patriarca idoso e sem filhos procederia toda uma nação. Mas o apóstolo declara no Novo Testamento que o principal e supremo sentido da promessa era a nascimento de um só descendente, que é Cristo (Gál. 3:16).

Da mesma forma, a profecia de S. Mateus 24 cumpriu-se primeiramente na destruição de Jerusalém, no ano 70 de nossa era; mas o seu cumprimento final será o fim do mundo.

O mesmo princípio se aplica a Isaías 7:14. Embora esta passagem se cumprisse originalmente na história secular, 730 anos antes de Cristo, ela não consistiu no nascimento miraculoso de um ser divino-humano; primeiro, devido à explícita declaração 'almah, "mulher jovem," e não "virgem;" e, segundo, porque as expressões proféticas que aparecem em Isaías 9:6 jamais poderiam aplicar-se a um ser humano comum: "Porque um Menino nos nasceu, um Filho se nos deu; o govêrno está sôbre os Seus ombros; e o Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da eternidade, Príncipe da Paz."

Conclusões

O apóstolo Paulo escreve que o supremo significado da promessa de Deus a Abraão não era o grande número de componentes da nação judaica, mas o único Descendente: o Messias, o Cristo. Do mesmo modo, o nascimento de uma criança comum no tempo de Acáz foi apenas o cumprimento de Isaías 7:14 na história secular. Seu sentido espiritual e sua aceção no Novo Testamento era o nascimento do Messias. Por esta razão, quando o Filho de Deus Se revestiu da humanidade, a profecia adquiriu nova significação. Conseqüentemente, a versão em S. Mateus 1:23 não só possibilitava mas exigia a palavra *parthenos*, "virgem," em lugar de 'almah.

Esta parece ser a única explicação possível e correta do texto — um *duplo* cumprimento da declaração profética: um, no nascimento de um menino comum, na história secular, filho de uma 'almah ("mulher jovem"), no tempo de Acáz; o outro, na miraculosa concepção por parte de uma *bethulah* ou *parthenos* ("virgem"), que resultou no nascimento de um ser divino-humano: Jesus Cristo, o Filho de Deus e Filho do homem, o Messias prometido. Não há contradição alguma, contanto que se aceite a distinção filológica, histórica e teológica feita pela própria Escritura Sagrada, indicando a dupla natureza da profecia.

PENSAMENTOS

"Ser de utilidade no mundo é a única maneira de ser feliz." — HANS CHRISTIAN ANDERSEN.

"Seu coração era grande como o mundo, mas não havia nêle espaço para reter a memória de uma ofensa." — EMERSON.

"O homem só começa a adquirir sabedoria depois que reconhece não ser por mais tempo indispensável." — RICARDO E. BYRD.

"O sinal do homem imaturo é o querer êle morrer nobremente por uma causa, ao passo que o sinal do homem amadurecido é querer êle viver humildemente por uma causa." — GUILHERME STEKEL.

"Jamais deve o homem se envergonhar de reconhecer um erro, pois isto é apenas dizer, em outras palavras, que êle é hoje mais sábio que ontem." — POPE.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

O Santuário Celestial — Conceito Figurado ou Literal?

Pergunta 32

Com referência à doutrina da expiação, crêm os adventistas do sétimo dia que o santuário no Céu é literal ou figurado?

ANTES de procurar responder a essa pergunta, parece ser necessário que se tenha alguma compreensão quanto ao significado das palavras "literal" e "figurado." Se o termo "literal" é usado para denotar que cremos num santuário celestial feito de tijolo e argamassa, com tudo o que se associa a êsse sentido literal na vida diária, a resposta é: Não, não cremos isto! Se, por outro lado, com a palavra "figurado" se exprime a idéia de alguma coisa irreal, fabulosa, imaginária ou visionária, a resposta seria novamente: Não interpretamos o santuário dessa maneira.

Cremos nas seguintes declarações da Escritura Sagrada: "Possuímos tal Sumo Sacerdote, que Se assentou à destra do trono da Majestade nos Céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem." Heb. 8:1 e 2.

Deduzimos dessa passagem que assim como o trono de Deus é real, e Jesus que Se assenta ali é real, o santuário ou tabernáculo no Céu também deve ser real. Quanto à sua forma, sabemos apenas o que é revelado nas Escrituras. Nada sabemos a respeito do material empregado em sua construção. Isto não parece estar revelado, e preferimos deixar a questão como está, sem esquadrinhá-la mais a fundo.

Há dois pontos que devem ser levados em consideração. Um é o fato de que o tabernáculo no deserto foi construído "segundo o modelo." Isto é salientado diversas vezes na Bíblia. Moisés foi aconselhado pelo Senhor a fazer tôdas as coisas conforme o modelo (Êxo. 25:9). Lembrou-se-lhe também que êsse "modelo" fora mostrado para êle enquanto se achava no mon-

te, com Deus: "Levantarás o tabernáculo segundo o modelo que te foi mostrado no monte." Êxo. 26:30.

Moisés não projetou êsse edifício. A instrução veio diretamente de Deus. Moisés foi aconselhado a fazer o tabernáculo "segundo o modelo que tinha visto" (Atos 7:44). A palavra grega para "modelo" é *typos*, que é vertida de diversas maneiras, tais como: "modelo," "forma," "figura" etc. Alguns tradutores, como Weymouth, exprimem o pensamento: "Imitando o modelo que êle tinha visto." Ao traduzir Hebreus 9:24, Weymouth menciona que o santuário terrestre era "uma simples cópia da realidade." Essa "realidade" era o "verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem" (Heb. 8:2). A realidade do santuário nos Céus é certamente muito mais do que se subentende.

Difícilmente se poderá ler as expressões acima sem chegar à conclusão de que o santuário nos Céus, onde Se encontra Cristo nosso grande Sumo Sacerdote, é tão real como Êle próprio é real. Afigura-se-nos que a linguagem usada exprime definitivamente essa idéia.

Além disso, a descrição feita pelo profeta João, no Apocalipse, é clara a respeito dêsse ponto. Emprega uma linguagem que seus ouvintes podiam compreender muito bem, pois estavam familiarizados com o ritual do tabernáculo e com tudo o que se relacionava com o seu funcionamento na Terra. Êle menciona o candelabro de sete hâsteas, as "sete lâmpadas de fogo" (Apoc. 4:5); o "altar de ouro" e o "incensário de ouro" (Apoc. 8:3); o "tabernáculo do testemunho" no Céu (Apoc. 15:5); e até "a arca da aliança" (Apoc. 11:19).

Por conseguinte, não só é mencionado o templo, santuário ou tabernáculo, mas também o que era claramente necessário para o seu ritual: o candelabro, o altar de ouro, o incensário e a arca da aliança. Cremos, portanto, que existe no Céu um santuário real, onde ministra por nós o nosso bendito Senhor.

E ainda mais importante é o uso da palavra "sombra," em conexão com o tabernáculo e mais tarde com o templo, que muito se salientaram nos serviços cerimoniais do Israel antigo. A palavra "sombra," da maneira como é empregada no Novo Testamento, encontra-se em Hebreus 8:5 e 10:1. Provém do vocábulo grego, *skia*, e no tocante a esta palavra, W. E. Vine comenta o seguinte no *Expository Dictionary of New Testament Words* (Dicionário Expositivo de Palavras do Novo Testamento):

"A imagem ou o contórno projetado por um objeto, Col. 2:17, de cerimônias de acôrdo com a Lei; do tabernáculo e de seus pertences e sacrificios, Heb. 8:5; dêstes, segundo eram determinados em conformidade com a Lei, Heb. 10:1."

Gerhardus Vos, antigo professor de Teologia Bíblica no Seminário Teológico de Princeton, diz o seguinte sobre a palavra "sombra," em seu livro *The Teaching of the Epistle to the Hebrews* (O Ensino da Epístola aos Hebreus):

"Em [Heb.] 8:5 declara-se que os sacerdotes judaicos ministram o que é uma cópia e sombra (*hupodeigma e skia*). O autor acrescenta que isso é uma cópia e sombra das coisas celestiais. Não é portanto uma sombra projetada ou lançada para a frente (no futuro), mas uma sombra lançada do Céu à Terra. Além disso, cumpre notar

o uso especial que o autor faz do adjetivo *verdadeiro* (*alethinos*). *Alethinos* é uma palavra muito mais forte do que *alethes*, que é o termo mais comum para *verdadeiro*. *Alethinos* não significa somente o *verdadeiro*, mas o *real*, o *genuíno*, o *autêntico*." — Página 58.

Assim, podemos considerar o tabernáculo terrestre como sendo apenas a sombra da realidade; o verdadeiro santuário estava no Céu, mas lançava sua sombra sobre a Terra. O santuário terrestre podia ser visto pelos homens, mas não o celestial. Por meio da palavra "sombra," temos alguns vislumbres a respeito do santuário celestial, ao contemplarmos sua sombra na Terra. É neste sentido que cremos haver um verdadeiro santuário no Céu.

Certos aspectos dessa questão nos são elucidados na Palavra de Deus: (1) Jesus é nosso grande Sumo Sacerdote (Heb. 4:14); (2) Cristo é um "sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" (Heb. 5:6); (3) Jesus é "Ministro do santuário" (Heb. 8:2); (4) Ele é nosso Sumo Sacerdote, e nos convida a "achegarmo-nos... confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna" (Heb. 4:16); (5) visto que Ele é um Salvador todo-suficiente, Seu sacerdócio é imutável, e "pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles" (Heb. 7:25); e (6) como nosso Sumo Sacerdote, era necessário que "tivesse o que oferecer" (Heb. 8:3).

O Ministério de Cristo Como Sumo Sacerdote

Pergunta 33

Sendo que os adventistas afirmam ter sido efetuada na cruz uma completa expiação sacrificial, que ensinai vós a respeito do ministério de nosso Senhor como Sumo Sacerdote no Céu? Quando assumiu Cristo as Suas responsabilidades como Sacerdote? O que entendeis pela expressão "vivendo sempre para interceder?" Como pode Cristo desempenhar as Suas funções de Sacerdote num santuário e ocupar ao mesmo tempo o trono de Seu Pai?

O SACERDÓCIO de Cristo é uma doutrina fundamental no ensino do Novo Testamento. Sua morte expiatória e Seu sacrifício todo-suficiente em favor da redenção do homem são para nós, assim como para todos os cristãos evangélicos, a verdade central do cristianismo. Todavia, sem a ressurreição e a ascensão de nosso Senhor, as provisões do Seu sacrifício expiatório não seriam acessíveis ao homem (I Cor. 15:17).

A vitória de nosso Senhor no Calvário foi decisiva e eterna. Ele não somente triunfou sobre o pecado, mas venceu também a morte. E essas extraordinárias verdades se tornaram o ponto focal do ministério apostólico. "Com grande poder os apóstolos davam o testemunho da

ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça." Atos 4:33.

Havendo rompido as ataduras da morte, Jesus ascendeu como "Rei da glória" (Salmo 24), para comparecer por nós diante de Deus. E ali Ele foi entronizado, em meio à adoração dos anjos. Chamando-O de Criador e Aquêle que lançou "os fundamentos da Terra" (Heb. 1:10), o onipotente Pai reafirma Sua posição como Deus, dizendo: "O Teu trono, ó Deus, é para todo o sempre, e: Cetro de eqüidade é o cetro do Seu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, o Teu Deus, Te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos Teus companheiros." Heb. 1:8 e 9.

Sua consagração como Sumo Sacerdote coinci-

diu com Sua entronização. E ali, junto ao trono da Majestade nas alturas, imediatamente após a Sua ascensão, Ele iniciou Seu ministério sacerdotal no "maior e mais perfeito tabernáculo" (Heb. 9:11), "para comparecer, . . . por nós, diante de Deus" (Verso 24). Foi-Lhe dado todo o poder e autoridade no Céu e na Terra.

I. — O Sacerdócio de Cristo — um Assunto Vital Para Estudo

O ministério sumo-sacerdotal de nosso Senhor ocupa um lugar proeminente na teologia adventista. Com efeito, cremos que convém dedicar muito estudo ao ministério de Cristo no santuário celestial, especialmente ao aspecto final desse ministério, que consideramos uma obra de julgamento. E para compreender o juízo, precisamos compreender o que é abrangido por Seu ministério sacerdotal.

No dia de Pentecostes, o apóstolo Pedro declarou que Jesus, tendo ressuscitado dentre os mortos, foi agora exaltado "à destra de Deus," tornando-Se portanto "Senhor e Cristo" (Atos 2: 33 e 36). Este conceito tornou-se a chave de abóbada da mensagem apostólica.

Conquanto os apóstolos se referissem muitas vezes em seus sermões e epístolas à exaltação de nosso Senhor, a verdadeira natureza de Sua obra como Sumo Sacerdote é apresentada na Epístola aos Hebreus. Este livro é virtualmente uma exposição desse grandioso assunto. Por meio de uma série de enunciações que abrangem os capítulos 1 a 10, é estabelecido um contraste entre o sacrifício de Cristo e o Seu ministério sacerdotal no Céu, e os sacrifícios terrestres e o sacerdócio de Arão. O objetivo dessas comparações é salientar a realidade e as vantagens do novo sistema. A seguir faremos um breve sumário destas últimas.

II. Sumário da Posição de Cristo Como Nosso Sumo Sacerdote

O Capítulo 1 apresenta o Filho de Deus como Criador e Mantenedor de todas as coisas (Versos 2 e 10); como "a expressa imagem" de Deus e o legítimo Herdeiro de todas as coisas (Versos 2 e 3); como Aquê que purificou os nossos pecados e assentou-Se então à destra de Deus (Verso 3); como superior a todos os anjos (Verso 4); como Filho gerado por Deus (Verso 5); como Deus entronizado e ungido (Versos 8 e 9).

O Capítulo 2 trata da encarnação, revelando-O como homem, feito menor que os anjos e provando a morte por todos os homens (Versos 6-9); como nosso Libertador e o Capitão de nossa salvação (Versos 14-16); como semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel Sumo Sacerdote (Verso 17), "poderoso para socorrer os que são tentados" (Verso 18).

O Capítulo 3 manifesta-O como Apóstolo e Sumo Sacerdote, maior do que Moisés e fiel a Seu mandato (Versos 1-3); e como Edificador de uma casa espiritual, a qual somos nós (Versos 6 e 14).

O Capítulo 4 assinala-O como nosso "grande Sumo Sacerdote que penetrou os Céus" (Verso 14); como a Palavra de Deus; como nosso Juiz, perante cujos olhos todas as coisas estão descobertas e patentes (Versos 12 e 13); podendo no entanto compadecer-Se dos tentados e fracos, por ter sido tentado "em todas as coisas, à nossa semelhança" (Verso 15).

O Capítulo 5 apresenta-O como "Sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" (Versos 6 e 10), e não segundo o sistema levítico; como Alguém rodeado de aflições e aprendendo obediência por meio de Seus sofrimentos (Versos 7 e 8); e então como o Autor da salvação eterna (Verso 9).

O Capítulo 6 declara que Deus, por meio de um juramento, confirmou o Seu propósito em Cristo (Versos 16 e 17); que Cristo penetrou além do véu; que Ele é nossa esperança e âncora da alma (Verso 19).

O Capítulo 7 estabelece um contraste entre os característicos do sacerdócio de Melquisedeque e o sacerdócio levítico: Melquisedeque é chamado "Rei de justiça" e "Rei de paz" (Verso 2); Melquisedeque era maior do que Abraão, e o sacerdócio de Cristo é, portanto, superior ao levítico (Versos 4-7); salienta-se que o sacerdócio de Cristo não era segundo a ordem de Arão (isto é, herdado dos pais), pois Cristo procedeu de Judá e não de Levi, mas segundo a ordem de Melquisedeque, que foi escolhido por Deus como sacerdote e não recebeu isso de seus pais (Verso 14); "constituído, não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel" (Verso 16); como "Fiador" de nossa redenção (Verso 22), "santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores" (Verso 26), Ele vive sempre "para interceder" por nós (Verso 25).

O Capítulo 8 introduz o ponto principal da epístola, a saber, Jesus como Ministro do verdadeiro tabernáculo (Versos 1 e 2); tendo um ministério "mais excelente" do que o de Arão (Verso 6); estabelecendo o novo concerto "com base em superiores promessas" (Versos 6-8); inscrevendo Sua lei em nosso coração e em nossa mente (Verso 10).

O Capítulo 9 faz uma comparação entre o santuário mosaico e o santuário celestial (Versos 2-11); Cristo nosso Sumo Sacerdote ministra no "maior e mais perfeito tabernáculo" (Verso 11), como Aquê que já obteve eterna redenção para nós (Verso 12), e como Sacrifício sem mácula oferecido em favor do homem perdido (Verso 14). As coisas celestiais não são purificadas com o sangue de animais, mas "com

sacrifícios a êles superiores" (Verso 23). No Céu Cristo comparece por nós, diante de Deus (Verso 24), conclui a Sua obra como Sumo Sacerdote (Verso 26) e regressa então à Terra em busca de Seu povo (Versos 27 e 28).

O Capítulo 10 apresenta a Cristo como cabal cumprimento da lei levítica de figuras e sombras (Versos 1-9); os sacrifícios terrestres não podiam remover pecados (Versos 4 e 11); Cristo ofereceu um único sacrifício, "uma vez por tôdas" (Versos 10 e 12); Êle é um "nôvo e vivo caminho" (Verso 20) pelo qual podemos chegar à presença de Deus com santa ousadia (Versos 19 e 21).

III. Contrastes Entre o Sacerdócio de Arão e o Sacerdócio de Cristo

Nessa epístola são estabelecidos importantes contrastes entre o sacerdócio de Arão e o sacerdócio de Cristo.

Arão era apenas um homem.	Cristo era "o Filho de Deus."
Arão e seus sucessores eram pecadores por natureza.	Cristo era "santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores."
Arão pertencia à tribo de Levi.	Cristo procedia de Judá, a tribo real.
Arão foi constituído sacerdote "conforme a lei de mandamento carnal."	Cristo foi constituído sacerdote pela palavra de um juramento.
O ministério de Arão nunca aperfeiçoou coisa alguma."	Cristo "aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados."
Arão oficiava na "cópia" das coisas celestiais.	Cristo oficia no verdadeiro tabernáculo, no próprio Céu.
O tabernáculo de Arão foi feito por mãos humanas.	O tabernáculo de Cristo não foi feito por mãos humanas.
Arão oferecia bodes e bezerras.	Cristo "a Si mesmo Se ofereceu."
O sacerdócio de Arão estava "rodeado de fraquezas."	Cristo é sacerdote "segundo o poder de vida indissolúvel."
O sacerdócio de Arão foi mudado.	Cristo "tem o Seu sacerdócio imutável."
Arão era sacerdote num tabernáculo terrestre.	Cristo ministra no "próprio Céu," comparando por nós "diante de Deus."
Arão foi "impedido pela morte de continuar."	Cristo vive sempre para fazer intercessão.
Arão oferecia "diariamente" sacrifícios terrestres.	Cristo ofereceu-Se a Si mesmo, "uma vez por tôdas."
Os sacrifícios de Arão não podiam "remover pecados."	Cristo declara: "Dos seus pecados, jamais Me lembrarei."

O livro de Hebreus culmina com a afirmação de que Jesus, depois de sofrer na cruz para que pudesse santificar-nos, e havendo ressuscitado dentre os mortos, pode aperfeiçoar-nos em



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:

R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50

Ano 35 N.º 2

NESTE NÚMERO

CAPA: Túlio Pesca, pintor.

REVELE-SE	2
EDITORIAL	
Pasto Demasiado Alto Enoch de Oliveira	3
ARTIGOS GERAIS	
Como Fracassar no Ministério sem Realmente Fazer Fôrça S. Maclean Gilmour	4
Jonas, o Evangelista Davi R. Copsey	6
Palavras aos Ministros Ellen G. White	9
EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS	
A América do Sul, a Mensagem Adventista e o Método — 5.ª Parte Enoch de Oliveira	11
Princípios Práticos de Reavivamento e Evan- gelismo Ernesto H. J. Steed	13
OBRA PASTORAL	
Trabalhando em Favor de Ex-Adventistas Kenneth J. Mittleider	16
PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIENCIA	
Compreendendo Isaías 7:14	18
PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA	
O Santuário Celestial — Conceito Figurado ou Literal	21
O Ministério de Cristo Como Sumo Sacerdote	22

todo bem, como grande Pastor das ovelhas, operando em nós o que é agradável diante d'Ele (Heb. 13:10, 12, 20 e 21). — *Questions on Doctrine*, págs. 365-375.